



A PESQUISA ETNOGRÁFICA COM CRIANÇAS PEQUENAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

BRANDT, Andressa Grazielle¹; MAGALHÃES, Nadja Regina Sousa²; COSTA, Aline Cezar³;
LOHN, Luciana Gelsleuchter⁴

Resumo: O presente trabalho trata-se de um estudo sobre a pesquisa etnográfica com crianças realizado no seminário especial Metodologias Qualitativas na Investigação da Infância II, ministrado pela professora Dr^a. Manuela Ferreira da Universidade do Porto, em Portugal, a partir das discussões do seminário e das bibliografias estudadas. As reflexões sobre o campo da etnografia com crianças pequenas pretende contribuir para a constituição da pesquisadora na área da educação. A pesquisa tem abordagem qualitativa, é de cunho bibliográfico. Os aporte teórico está pautado em Ferreira(2010); Ferreira e Nunes (2014); Kramer (2009); Lima e Nazário(2014) e outros. Os principais achados da pesquisa foram: i) nas pesquisas etnográficas há a necessidade de obtenção do assentimento por parte das crianças, malgrado todas as faltas e falhas de informação que possam existir; ii) o trabalho com registros fotoetnográficos por meio da fotografia nas pesquisas com crianças tem nos auxiliado a constituir uma aproximação mais genuína aos universos infantis e contribuído para nos colocar diante de uma experiência com a infância; iii) há relevância para o campo a pesquisa etnográfica com crianças pequenas em espaços institucionalizados ou em espaços de convivência social como na rua, bairro, parque, praças.

Palavras- Chave: Formação de professores. Pesquisa qualitativa. Etnografia. Criança Pequena. Educação Infantil.

Abstract: The present work is a study on the ethnographic research with children carried out in the special seminar Qualitative Methodologies in Childhood Research II, taught by the teacher Dr^a. Manuela Ferreira from the University of Porto, Portugal, from the seminar discussions and the bibliographies studied. Reflections on the field of ethnography with young children aims to contribute to the formation of the researcher in the area of education. The research has a qualitative approach, is bibliographic. The theoretical contribution is based on Ferreira (2010); Ferreira and Nunes (2014); Kramer (2009); Lima and Nazário (2014) and others. The main findings of the research were: i) in ethnographic research there is a need to obtain assent from the children, regardless of any lack and lack of information that may exist;

¹Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutoranda do PPGC da UFSC. Membro do grupo de estudos e pesquisas Formação de Professores e Práticas de Ensino – FOPPE. Professora do IFC – Campus Camboriú. andressa.brandt@ifc.edu.br; andressabrandt@hotmail.com

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: nadjamagalhaes78@gmail.com

³ Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional (UNICRUZ). Licenciada em Pedagogia (UNICRUZ). Docente da Universidade de Cruz Alta. E-mail: acezar@unicruz.edu.br

⁴Doutoranda dos Programa de Pós-Graduação de Educação Científica e Tecnológica - UFSC. Professora do IFC – Campus Camboriú. E-mail: luciana.lohn@ifc.edu.br



ii) the work with photo-nnographic records by means of photography in the researches with children has helped us to constitute a more genuine approximation to the infantile universes and contributed to put us before an experience with the childhood; iii) there is relevance to the field of ethnographic research with young children in institutionalized spaces or social spaces such as in the street, neighborhood, park, squares.

Keywords: Teacher training. Qualitative research. Ethnography. Little child. Child education.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente texto é apresentar a comunidade acadêmica as pesquisas, os teóricos e reflexão acerca da relação dos estudos promovidos no seminário especial Metodologias Qualitativas na Investigação da Infância II, ministrado pela professora Dr^a. Manuela Ferreira da Universidade do Porto, suas problematizações e a temática de pesquisa da autora, a qual nos faz refletir sobre: i) o referencial teórico-metodológico qualitativo como ferramenta para a produção de conhecimentos histórico-educacionais relativos aos estudos de pesquisas etnográficas com crianças pequenas e os textos “Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios das autoras Manuela Ferreira e Ângela Nunes; ii) Ela é nossa prisioneira! – questões teóricas, Epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas em uma pesquisa etnográfica da autora Manuela Ferreira; e iii) acerca do texto Sobre a Luz do diafragma: a atribuição da fotografia na pesquisa com crianças, das autoras Patrícia Lima e Roseli Nazário.

As reflexões apresentadas pela professora Manuela Ferreira estingaram pensar sobre os processos de pesquisa com crianças pequenas, sobre essa fase da vida do ser humano, sobre os estudos da etnografia, sobre como as crianças aprendem, como acontece às relações das crianças com a realidade, como são os processos de aproximação e socialização com o campo e com as crianças pesquisadas, como as crianças brincam, sobre o repertório das brincadeiras, sua organização em espaços públicos e institucionalizados, o olhar social da infância, a criança como ser social e inteligente. Percebemos que o campo de análise de pesquisas etnográficas com crianças pequenas é amplo e rico em detalhes, significações.

Segundo Ferreira e Nunes (2014), seguidamente, colocamos questões epistemológicas, teórico-metodológicas e éticas, concentrando-nos na presença de um viés metodológico, transversal à produção etnográfica que se tem vindo a realizar no âmbito dos estudos da infância, em que se constata a baixa incidência de estudos com crianças menores e uma série de limites espaço-temporais que afetam o trabalho etnográfico no atual cenário da pesquisa



científica. Isto conduz, por fim, à chamada de atenção para alguns desafios que se colocam à etnografia com crianças.

Os estudos etnográficos apresentados no seminário apresentado o foco as crianças considerem as crianças tão importantes como qualquer indivíduo de outra idade pequenas busca “revelar a agência das crianças nos constrangimentos e possibilidades que vivem nas suas vidas, reconhecendo-as como (re)produtoras de sentido e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento nos seus próprios termos”. (FERREIRA; NUNES, 2014, p.106).

As mesmas autoras (2014), defendem que escutar a(s) voz(es) das crianças constitui, portanto, no plano epistemológico, uma questão nodal, porque se assumem como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que se expressem diferentemente dos adultos. Por outro, porque se considera relevante que o que elas têm a dizer aos adultos são contributos importantes sem os quais a compreensão da vida em/ nas sociedades seria incompleta. E ainda porque tudo isso significa, afinal, que os adultos só poderão ter acesso a esse pensamento e conhecimento se estiverem na disposição de inverter a sua posição na relação tradicional de pesquisa e suspenderem os seus entendimentos e cultura adultos para, na medida do possível, aprenderem com elas os delas, ou seja, para compreenderem a compreensão do outro-crianças, tal como advoga a etnografia reflexiva.

O APORTE TEÓRICO-METODOLOÓGICO APRECIADO NA PESQUISA

Em relação ao pensar a pesquisa etnográfica nos espaços institucionalizados, as autoras elucidam que esta agenda teórico-metodológica tem-se traduzido na valorização do diálogo interdisciplinar, elas apostam “em estudar os cotidianos e apreender as perspectivas das crianças nos contextos institucionais de educação escolar e familiar, mas também na ampliação do estudo dos seus mundos sociais a outros espaços socioeducativos para além, e entre, a escola e a família”. (FERREIRA; NUNES, 2014, p.108).

Nos estudos do seminário foi fundamentado que a história do estudo da infância e das crianças na antropologia há uma ausência de interesse pelas crianças e inibindo processos que permitiriam a construção de um referencial teórico e metodológico específico sobre as crianças pequenas.

Nesta concepção as Ferreira e Nunes (2014) revelam em seus achados que é fundante nas pesquisas que utilizam os estudos etnográficos a reflexão sobre um conjunto de questões teóricas, metodológicas e éticas e principalmente acerca dos limites etários e espaço-temporais



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



colocados a pesquisa com crianças pequenas e a lacuna presente neste espaço de pesquisa no laço temporal de 0-6 anos.

Nesta afirmação, as autoras nos chamam atenção para os espaços ocupados pelas crianças, espaços esses muitas vezes institucionalizados e com a supervisão de adultos, o livre brincar na rua e suas relações com as crianças e amigos da rua quase desapareceram das relações sociais das crianças, pois as mesmas muitas vezes ao brincarem na rua, há a supervisão de adultos e a presença das amizades construídas nos espaços institucionalizados, como por exemplo, os laços de amizades construídos com os colegas da turma e ou da escola frequentada pelas crianças pequenas, ou seja, são amizades muitas vezes “impostas” pelos ambientes institucionalizados frequentados pelas crianças.

As autoras Ferreira e Nunes (2014) consideram que situar as competências das crianças é entendê-las como atores sociais, posicionando a multiplicidade das suas ações nessa indissociabilidade de usos que elas fazem da sua experiência acumulada e das suas competências comunicativas atuais, em função e em relação à rede de contextos e conjunturas em que se movem e em que se dão os seus encontros e desencontros.

Neste sentido, as autoras Ferreira e Nunes (2014), chamam atenção para os espaços frequentados pelas crianças já as dificuldades de acesso às crianças em espaços não institucionais, públicos e abertos (ruas, parques nas cidades e bairros) são de outra ordem: não sendo a princípio regulada, a nossa presença não é menos facilitada, sobretudo se não se dispuser de porteiros locais facilitadores da aproximação.

Afirmam as mesmas autoras (2014), que assim levantam-se assim problemas metodológicos e éticos que implicam logo uma justificação credível do que se está fazendo ali, sob pena da simples presença de um adulto desconhecido observando crianças poder ser considerado por muitos adultos, e mesmo pelas crianças, como perigoso ou ameaçador (pedofilia, desaparecimentos, sequestros).

As autoras (2014), ressaltam que se uma das condições para efetuar etnografia é a estadia continuada e prolongada no terreno, pois só ela permitirá a familiaridade com o contexto de pesquisa e seus sujeitos, esta parece ficar inviabilizada pelas atuais condições de realização da pesquisa científica.

Pensar, refletir ao pesquisar sobre os estudos etnográficos e a relação com o tema de pesquisa no sentido da formação educacional e fazer essa relação com o diálogo dos autores, fontes e posicionamentos dos autores estudados no processo da disciplina proporciona um novo olhar ao que está posto como verdadeiro na história, na memória a partir do conceito dos estudos



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



da etnografia com crianças pequenas, faz pensar na crise da reinvenção da formação dos professores pedagogos que atuam na formação de crianças pequenas, ao pensarmos sobre a ocupação dos espaços pelas crianças, percebe-se facilmente que na modernidade os espaços ocupados estão a serviço do capital, visando alcançar os objetivos propostos pelo capital. Interrogando-nos sobre a seguinte questão: Qual o lugar da infância na modernidade e na sociedade capitalista que estamos inseridos. Segundo Kramer (2009, p.301):

[...] Ao pensar a educação e ao planejar ou realizar ações na escola, na creche ou na formação de professores, estes aspectos materiais e simbólicos que interferem na sua visão de mundo e na sua inserção social precisam ser levadas em conta.

As autoras (2014), esclarecem em seus estudos que são muitos os **desafios do uso metodológico da etnografia com crianças**, pois apesar de toda a ênfase colocada na abordagem das crianças como atores sociais, o périplo que percorremos até aqui evidencia como há diferenças substanciais entre as agendas teóricas, a sua abordagem metodológica e a diversidade humana infantil; como a realidade é sempre mais complexa do que os conceitos e concepções usados para a descrever; como as opções metodológicas não são neutras nem isentas de consequências científicas e sociais; e como os modos de entendimento e classificação das crianças na infância interferem, objetiva e subjetivamente, nas escolhas dos pesquisadores.

Ferreira e Nunes (2014), definem que a presença do viés etário referido chama a atenção para a necessidade de se consciencializarem e problematizarem: i) as diferenças intrageracionais que integram a categoria infância; ii) as ordenações hierárquicas e desiguais que coexistem e são transversais às relações entre e intragerações; iii) as questões teóricas inerentes ao conceito de infância, cuja complexidade implica considera-lo como categoria sócio-histórica geracional, internamente plural, heterogênea e desigual, e como espaço social em que as crianças vivem as suas experiências como crianças; iv) a noção de idade como modo de classificação e representação social com relevo descritivo e analítico; v) as justificações que subsidiam os critérios de seleção dos sujeitos empíricos a observar.

As mesmas autoras (2014), lembram que assumir este aviso-desafio requer ponderar as implicações que se colocam num rol de situações da prática etnográfica, como: i) a profusão de “vozes” registradas em áudio, vídeo, desenhos, etc., e as decisões sobre o que selecionar e usar/ poderá divulgar e quão (im)parciais serão; ii) os efeitos éticos e epistemológicos da ampla e fácil circulação de informações no mundo virtual vs. restrita divulgação no mundo real; iii) o recorrente uso de nomes fictícios para pessoas e lugares na apresentação dos resultados da



pesquisa; iv) a crescente burocratização do processo de entrada e permanência no terreno e quais os dados a que o etnógrafo terá acesso; v) os atuais condicionalismos temporais que impendem sobre a academia.

As afirmações e reflexões das autoras nos fizeram elucidar sobre o seguinte questionamento: As ciências sociais ao utilizarem em suas pesquisas a metodologia qualitativas com estudos etnográfico contemplando as crianças pequenas de 0-6 anos estão ocupando um espaço pouco antes pesquisado e conhecido pelas ciências humanas? Quais são os reflexos desses estudos nos avanços propostos para a educação brasileira principalmente com esses sujeitos sociais que são as crianças pequenas?

Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas em uma pesquisa etnográfica

No texto *Ela é nossa prisioneira!* – questões teóricas, Epistemológicas e ético metodológicas a propósito dos Processos de obtenção da permissão das crianças pequenas *Numa pesquisa etnográfica*”, a autora Manuela Ferreira, traz contribuições significativas para pensarmos os estudos propostos pelo seminário.

Como pode-se compreender, os métodos da pesquisa etnográfica são fundantes para a sua realização, sendo de suma importância organizar o tempo, local, espaço institucionalizado ou o espaço social como o bairro e a rua, se na pesquisa, na observação participante será utilizado a fotografia, o vídeo, como as crianças pequenas percebem e aceitam ou rejeitam o adulto pesquisador no seu espaço.

Segundo Ferreira (2010), a imprescindibilidade de conhecer as crianças a partir da escuta da(s) sua(s) voz(es) constitui-se, no plano epistemológico, numa questão decisiva porque se admite que as próprias experiências das crianças do que é ser criança e do que é a sua relação com os adultos são contributos inestimáveis para entender a infância.

No ponto de vista conceitual apresentado, no entendimento de Ferreira (2010), a etnografia é uma metodologia importante porque capta o que as crianças têm a dizer enquanto sujeitos sociais e a sua participação na produção de dados sociológicos encontra a sua justificação.

O valor epistemológico dos adultos escutarem a(s) voz(es) das crianças para as tentarem compreender nos seus próprios termos e a virem conhecerem a realidade social a partir delas e da infância. A adesão a este desafio epistemológico requer, no entanto, a problematização de



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



questões de natureza teórica, metodológica e ética a propósito daquela que se tornou uma trindade conceptual de referência da Sociologia da Infância. Compreendemos ser importante o propósito das crianças como atores sociais, da(s) suas voz(es) e na metodologia da etnografia.

Na concepção apresentada, segundo Ferreira (2010), creditar as crianças como actores sociais e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento nos seus próprios termos, sendo indissociável do seu reconhecimento como produtoras de sentido, é então assumir como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que estas se expressem diferentemente das que os adultos usam habitualmente, para nelas se ser capaz de interpretar, compreender e valorizar os seus aportes como contributos a ter em conta na renovação e reforço dos laços sociais nas comunidades em que participam.

Explica Ferreira (2010), que cada experiência etnográfica é uma experiência pessoal de relacionamento intersubjectivo e, por ser pessoal e única, significa que cada etnografia, enquanto “trabalho de campo” e enquanto texto, é uma solução pessoal possível entre várias, no sentido de dar conta do que foi observado e ouvido e o de o traduzir como significado antropológico. Colocando-se a diferença cultural como questão de fundo nos assuntos geracionais.

Nesta compreensão, são os sentidos subjectivos que as vozes infantis ecoam que importam, mas estes, comunicados muito para além do verbo e da oralidade, nunca podem ser absolutamente compreendidos pela inferência adulta.

Salienta Ferreira (2010), que nesse tipo de pesquisa é fundante salvaguardar os direitos de protecção das crianças, a prática ética da pesquisa procede primeiramente junto dos adultos seus responsáveis com vista à obtenção do seu consentimento informado, associando-se-lhe um conjunto de deveres e responsabilidades adultas relativos à salvaguarda da sua privacidade, anonimato e confidencialidade.

Segundo Ferreira (2010), o consentimento informado na pesquisa é constituído por três elementos: em primeiro lugar, a responsabilidade do investigador em assegurar aos participantes o entendimento acerca do que a participação na pesquisa envolverá; em segundo, que os participantes não são forçados a participar; e por fim que os participantes têm completa liberdade para rever a sua decisão em participar e retirar a sua participação a qualquer momento.

Em concordância Ferreira (2010), ressalta que por todas estas razões, nas pesquisas com crianças pequenas, mais do que falar em consentimento informado, talvez seja mais produtivo falar em assentimento para significar que, enquanto actores sociais, mesmo podendo ter um entendimento lacunar, impreciso e superficial acerca da pesquisa, elas são, apesar disso, capazes



de decidir acerca da permissão ou não da sua observabilidade e participação, evidenciando assim a sua agência – é o que se procura dar conta, seguidamente.

No tocante as afirmações da autora nos fazem refletir sobre a complexidade dos estudos etnográficos com crianças pequenas, sobre suas anuências, seus desafios, nos suscitando a seguinte reflexão: Como o pesquisador “iniciante” ao estar imerso no campo consegue perceber o tempo, o espaço, o consentimento das crianças e dos adultos que habitam aquele pesquisado? Nesse contexto da pesquisa com crianças pequenas há mais elementos fundantes para além do exposto no presente seminário?

Concomitante Ferreira (2010), sustenta que “ir construindo uma perspectiva de “dentro” das culturas infantis é uma tarefa difícil: a presença do adulto-investigadora nos mundos das crianças pode até ser desejada e aceite por algumas delas, mas constitui um desafio permanente a vários níveis”. (FERREIRA, 2010, p. 171).

A utilização da fotografia na pesquisa etnográfica

Em última análise o texto “Sobre a luz do diafragma: a atribuição da fotografia na pesquisa com crianças”, das autoras Lima e Nazário (2014), explanam sobre o uso da filmagem e da fotografia nos estudos etnográficos e apresentam uma discussão sobre a atribuição da fotografia em processos de pesquisa com crianças, “buscando localizar o lugar da imagem-criança na contemporaneidade e os desafios éticos-estéticos que se põem ao adentrarmos no campo da cultura visual”. (LIMA; NAZÁRIO, 2014, p.491).

As autoras Lima e Nazário (2014), conceituaram fotografia:

[...]compreendemos a fotografia como um instrumento potente para desconstruirmos a importância das imagens apenas como ilustrações descritivas, para se colocarem como possibilidade narrativa, como texto que introduz elementos complexos de análise através do campo da visualidade (LIMA; NAZÁRIO, 2014, p.491).

Na compreensão das autoras (2014, p. 491) a fotografia em processos de pesquisa com crianças não é tarefa fácil a ser assumida, sobretudo, diante de um cenário tão adverso quando tratamos das imagens e da sua veiculação em redes sociais, em espaços midiáticos e, ainda, quando essas imagens referem-se às crianças.

As mesmas autoras destacam que é recente a pauta de preocupações que tratamos em pesquisa com crianças, principalmente quando escolhemos trabalhar com imagens.



No tocante, as autoras (2014) afirmam que os argumentos em torno da infância se alteram com o tempo e estas diferentes perspectivas passam a habitar, simultaneamente, os espaços de convívio social que se ocupam das crianças. O objetivo em estudar as crianças, não somente como objetos da socialização dos adultos, mas como sujeitos que produzem entre si e entre os outros (adultos) processos de socialização, ganha destaque. “O desafio em pensar como procederemos com a questão da garantia dos direitos das crianças nos remete a pensar e atualizar nossos entendimentos sobre um conjunto de procedimentos éticos, incluindo aqui o uso da imagem-criança nos processos de pesquisa”. (LIMA; NAZÁRIO, 2014, p.496).

Além disso, as autoras apresentam suas pesquisas, onde Lima (2011-2014) no projeto Infância Experiência: registros fotoetnográficos das crianças e suas culturas na Comunidade Chico Mendes, registra imagens que compõe as experiências das crianças da comunidade nos espaços das ruas e, com isso, reflete sobre as territorialidades da infância. O projeto de pesquisa e extensão reúne, desde 2010, alunas do Curso de Pedagogia e recentemente incorpora pesquisas da Pós-Graduação, tendo como principal foco constituir um acervo sobre as infâncias nesta comunidade.

No tocante Nazário (2014), apresenta sua pesquisa de doutorado sobre e com crianças pequenas em situação de acolhimento institucional, utilizou-se do recurso visual da fotografia (tanto as produzidas pela pesquisadora quanto as disponíveis no arquivo da instituição), tomando-as para análise a partir de duas perspectivas distintas, entretanto, diretamente relacionadas. As imagens produzidas pela própria pesquisadora serviram como forma de aproximação para ouvir as crianças, atenta as suas experiências de acolhimento. Já as acessadas no arquivo do Abrigo foram tomadas como um conjunto narrativo de história daquela instituição, que precisava ser (re) criado para entender a trajetória do acolhimento em Florianópolis.

As autoras tratam contornos interessantes para pensar sobre a atribuição da fotografia nas pesquisas com crianças e ajudar a refletir sobre o que acima mencionamos, a discursividade que compõe as imagens e seus possíveis efeitos nos entendimentos que estamos a construir sobre as infâncias e suas temporalidades.

As mesmas autoras (2014), destacam que aprenderam com este exercício de pesquisa que a eficácia da fotografia como meio de registrar as imagens e de difundi-la depende, sobretudo, do olhar de quem pesquisa. A fotografia ajuda a registrar detalhes próprios a rituais ou a cultura material dos sujeitos, dos espaços e contextos, mas depende intrinsecamente dos



conhecimentos que agregamos sobre as infâncias, bem como da disposição que temos para conhecê-las.

Sendo assim, Lima e Nazário(2010), trazem no presente texto contribuições significativas para o estudo etnográfico no tocante que apresentam a comunidade acadêmica pesquisas de cunho etnográfico no contexto da ciência da educação.

As autoras (2014), que o trabalho com fotografia nas pesquisas com crianças tem nos auxiliado a constituir uma aproximação mais genuína aos universos infantis e contribuído para nos colocar diante de uma experiência com a infância. Esta aproximação nos devolve como tarefa pensarmos como nos afetamos e nos transformamos ao participar de um mesmo plano de comunhão com as crianças, apesar das diferenças culturais, geracionais que se colocam entre nós. Se considerarmos esta possibilidade de experiência com a infância e suas múltiplas imagens, vamos, enquanto adultos, nos deixando afetar por essa habitualidade da infância, vamos também aprendendo a residir de outro modo na linguagem. “Portanto, é preciso saber o que se quer fotografar, como vamos operar com a luz, com a velocidade, com o obturador, pois todos esses componentes nos colocarão diante de uma dada infância e dos saberes que ali estão a nos dizer.” (LIMA; NAZÁRIO, 2014, p. 502).

O que nos suscita ainda, a refletir sobre as seguintes questões: Qual o lugar da infância e dos estudos com crianças pequenas através da pesquisa etnográfica no campo das ciências humanas onde estamos inseridos como pesquisadores? Como transformarmos nossas pesquisas com crianças pequenas através da pesquisa etnográfica em elementos diferenciais para o avanço positivo nas questões como a fome, pobreza e educação das crianças pequenas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca dos achados, entendendo a etnografia como uma descrição informada de pessoas e do seu modo de viver no mundo que não se resume a um conjunto de vozes concertadas, segundo as autoras citadas na pesquisa, na reflexão que isso implica assumir que a negociação da sua presença não se circunscreve nem limita apenas a um único momento – habitualmente a negociação inicial que formaliza a entrada do(a) investigador(a) no terreno.

Um dos elementos fundantes segundo elas é a obtenção do assentimento por parte das crianças, malgrado todas as faltas e falhas de informação que possam existir, depende grandemente da relação de confiança estabelecida com o(a) investigador(a), pelo que a aceitação da sua presença.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



Nesse sentido, Ferreira (2010), lembra que a compreensão dos processos de obtenção do assentimento das crianças pequenas como sendo contextualizados mas fluidos e diferenciados por/entre crianças ou grupos de crianças sobrevivem as relações de interdependência tecidas na pesquisa etnográfica entre a adulta-investigadora e as crianças-investigadas, e com elas a consciência de que a intersubjetividade construída é sempre relativa, aproximada e imprecisa.

Assim, a construção social da realidade é sempre um processo aberto e vulnerável à ambiguidade, à incompreensão, ao conflito, à incerteza. Instigando-nos a pensar sobre os processos e os desafios das pesquisas qualitativas na ciência da educação e principalmente sobre a metodologia da pesquisa etnográfica com crianças pequenas em espaços institucionalizados ou em espaços de convivência social como na rua, bairro, parque, praças.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Manuela. E lá é nossa prisioneira! Questões teóricas, epistemológicas e ético - metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. In: **Revista Reflexão e Ação** - Santa Cruz do Sul. V.18, n2, p.151 - 182, jul./dez. 2010.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas**, vol. 20, núm. 41, enero-abril, 2014, pp. 103-123 Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.

LIMA, P.M.; NAZÁRIO, R. Sobre a Luz do diafragma: a atribuição da fotografia na pesquisa com crianças. **Educativa**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 491-509, jul./dez. 2014.